

Possibilidades são negativas, 22 MAI 1985 diz economista

MARIA CECÍLIA TEIXEIRA

São, no mínimo, bastante negativas, as possibilidades de o Brasil vir a obter os US\$ 2,5 bilhões de organismos multilaterais para fechar as contas externas este ano, como está prevendo o presidente do Banco Central, Antonio Carlos Lemgruber. É na que acredita Plínio Sampaio, membro do Grupo de Análise de Conjuntura Econômica, do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap). Pelas suas estimativas, o País terá, em 1985, um déficit em transações correntes superior a US\$ 3 bilhões, em função da maior necessidade de recursos — uma vez que o superávit comercial não deverá ficar acima de US\$ 10 bilhões — e de aproximadamente US\$ 1,8 bilhão a menos do que o previsto, em termos de recursos de órgãos internacionais não bancários.

Pelo acordo acertado em 1983 com o FMI — o *extended fund facility* — este se comprometia-se a conceder ao Brasil US\$ 1,5 bilhão, dos quais US\$ 1,2 bilhão em 1985. Já é praticamente certo que, com a substituição pelo *stand by*, o Fundo deverá remeter algo em torno de US\$ 400 milhões este ano, US\$ 800 milhões a menos do que era esperado. Os técnicos do Banco Mundial estimam que o órgão deverá enviar ao País US\$ 250 milhões a menos do que o previsto, pelo fato de o governo não ter negociado novos programas de investimentos e pelo cancelamento de outros já aprovados — em função do Brasil não ter atendido a outras condicionalidades estruturais impostas pelo Banco Mundial para a concessão dos créditos. O Eximbank norte-americano deixará de conceder US\$ 450 milhões ao País, que deixará de ter, ainda, US\$ 300 milhões para financiamento às importações. O volume de recursos que deveriam ingressar no País este ano de instituições não bancárias será, desta forma, US\$ 1,8 bilhão inferior ao previsto. "Por isso, ou o governo pede dinheiro novo aos bancos privados, ou teremos que "queimar" as reservas internacionais que ainda dispomos", salienta Plínio Sampaio.

POSSIBILIDADES

Em uma perspectiva otimista, considerando-se que o Brasil conclua o acordo com os bancos — em especial no que se refere às linhas de crédito interbancárias — se não for incluído *new money* para este ano, o País deverá consumir de US\$ 2 a US\$ 3 bilhões de reservas internacionais (que, pelo conceito de disponibilidade líquida, declinaram só no primeiro bimestre de 1985, US\$ 1,3 bilhão). Tecnicamente, explica o economista, o governo pode fechar o balanço de pagamentos sem pedir *fresh money*, contando com as reservas. Só que com isso, são menores as possibilidades de realizar uma política econômica mais voltada para o desenvolvimento interno, gerando recursos reais para pagar a dívida, pondera.

No entender de Plínio Sampaio, as previsões do ministro João Sayad — de que o Brasil necessita de US\$ 4 bilhões em termos de novos recursos este ano — são bastante realistas e factíveis, na medida em que esse número assegura um mínimo de autonomia e permite cobrir o hiato do balanço de pagamentos, sem utilização de reservas.